

OS COMERCIANTES CRONISTAS: HENRY KOSTER; LOUIS FRANÇOIS DE TOLLENARE NO PIAUÍ DO INICIO DO SÉCULO XIX.

Mary Lucia Alves de Carvalho

Especialista em História e Cultura no Brasil UGF
Graduada em História Licenciatura Plena UFPI
malu_carvalho4@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo pretende analisar os percursos dos viajantes Henry Koster e Louis François de Tollenare, pelos sertões do Piauí em princípios do século XIX. Assim estes viajantes, que estiveram nas províncias do Norte do Brasil, realizaram e registraram uma vasta observação sobre diversos temas tais como: população, alimentação, vida no campo e nas cidades. Descreveram as riquezas naturais dentre as quais a fauna e flora e fizeram uma extensa observação sobre economia de uma província em particular, o Piauí, nos dando subsídios e um olhar externo de um lugar do nascente império brasileiro. Palavras chave: Viajantes. Piauí. Historiografia.

ABSTRACT: This article aims to analyze the routes of travelers Henry Koster and Louis François de Tollenare, by hinterlands of Piauí in the early 19th century. So both travelers, who were in the provinces of northern Brazil performed and recorded a wide observation on various topics, such as: population, food, life in the country, in cities, described the natural riches including the fauna and flora, and made an extensive comment on the economy of a province in particular, the Piauí, bequeathing us a look of a place of the nascent Brazilian Empire. Key-words: Traveler. Piauí. Historiography

Os Viajantes e o Piauí na primeira metade do século XIX.

Entre 1808 e 1898 diversos viajantes transitaram pelos sertões do Piauí, entre alemães, ingleses, franceses, norte americano e português, em sua maioria imbuído das mais variadas missões. Vieram botânicos, médicos, naturalistas, mineralogistas, engenheiros, membros de missões científicas e acadêmicas e ainda técnicas que realizariam trabalhos de levantamento cartográficos, estes acabaram por retratar as primeiras impressões sobre a Capitania e posteriormente a Província do Piauí.

A visão desses viajantes e cronistas possibilita-nos explorar e compreender as relações sociais, políticas, econômicas, e culturais numa época de transição entre o período colonial e o Estado que seria forjado no Brasil. Essa perspectiva é um tanto quanto positiva se tomarmos como ponto de partida um espaço geográfico ainda pouco explorado em um estudo dessa natureza, nesse caso o Piauí.

Dessa forma entendemos que o relato dos viajantes e cronistas que passaram pela região entre o início do século XIX e o seu fim, são fontes importantes para a compreensão da história do próprio Piauí, e de como a província foi interpretada de acordo com o olhar do estrangeiro a partir da ideia de civilização, como uma comparação de imagens que ajudaram de alguma forma a esse mesmo viajante elaborar seus conceitos, ou preconceitos sobre a vida, os hábitos, a cultura e as práticas cotidianas das populações que aqui viviam.

O viajante inglês que amava o sertão

Henry Koster nasceu em Portugal em 1793, de formação anglicana, era Filho do comerciante inglês de Liverpool, John Theodore Koster. É muito provável que seu pai gozasse de grande prestígio que se estendia ao seu filho, pois segundo consta que certa ocasião em 1810 quando estava no Ceará o mesmo havia encontrado com um velho amigo da família chamado Lourenço da Costa Dourado que se dirigiu a ele “pelo nome por ter relações comerciais com seus parentes em Lisboa” (KOSTER, 1942:11).

Henry Koster deixou a Europa no dia 02 de novembro de 1809 e chegou à cidade do Recife em 07 de dezembro. Viajou ao Brasil em busca de novos ares para

melhorar o seu estado de saúde que era bastante delicado, pois sofrera de problemas respiratórios.

Segundo (GASPAR, 2004) Falava o português com fluência, o que fazia com que algumas pessoas duvidassem da sua nacionalidade inglesa tratando-o popularmente pelo nome de Henrique da Costa. Permaneceu em Recife por um tempo e a partir de lá realizou várias viagens, pelo interior do nordeste¹ da Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Essa experiência lhe permitiu ter contato com diversos sujeitos sociais.

Voltou à Inglaterra em 1815, quando resolveu escrever o livro *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Regressou ao nordeste em 1816 e de acordo com suas palavras, desejava retornar ao sertão, Henry Koster teria falecido em 1820 na cidade do Recife. (KOSTER, 1942:16).

Koster chegou ao Brasil em 1809, ou seja, no ano seguinte a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil em 1808. De certa forma a vinda da família real portuguesa trouxe uma série de modificações uma delas foi à abertura dos portos brasileiros às nações amigas, nesse caso a Inglaterra, o que permitiu ao Brasil manter relações comerciais com esta nação.

O Livro *Viagens ao Nordeste do Brasil* encontra-se dividido em dois volumes. O primeiro refere-se às viagens empreendidas pelo autor após instalar-se no Recife, às chamadas capitânicas do Norte dentre elas o Piauí.

No segundo volume, Koster escreveu sobre a organização dos engenhos, dos trabalhos desempenhados pelos escravos e homens livres. No geral, a narrativa de Henry Koster aborda a vida e os costumes das regiões pelas quais passou sem, contudo, deixar de mencionar aspectos econômicos. No entanto, iremos concentrar nossa discussão na sua abordagem descritiva sobre a capitania do Piauí, objeto da nossa pesquisa.

Ao analisar a visão de Koster sobre o Piauí, em específico, um detalhe se destaca e que não podemos deixar de notar refere-se às características dos costumes brasileiros que lhe causaram estranhamento, de certa forma uma marca da sua condição de ser estrangeiro cujo referencial é outra cultura. No que se refere ao Piauí as suas observações sobre as relações sociais que foram construídas são emblemáticas, a vida

¹ Nordeste será tratado aqui como um lugar geográfico, uma vez que toda essa região correspondia ao que era chamado de capitânicas do Norte e posteriormente províncias do Norte, a moderna denominação de divisão de espaço geográfico somente foi introduzido no século XX.

de Simplício Dias e sobre a atuação da família Feitoza destacaram-se de forma bastante clara em seus escritos.

Em 1810, sentindo-se bem melhor da doença que o acometia, resolveu viajar a cavalo para a Paraíba e de lá foi até Fortaleza, no Ceará. (GASPAR, 2004) viajou pelo interior dessas capitanias do nordeste vindo até o Piauí. Voltou ao Recife no início de fevereiro de 1811 e já no final do mês viajou novamente, desta vez por mar, para o Maranhão, de onde foi para a Inglaterra.

Em 27 de dezembro do mesmo ano, voltou ao Recife e fez uma viagem ao sertão de Pernambuco. Quando retornou, arrendou o engenho Jaguaribe, na ilha de Itamaracá, tornando-se senhor de engenho. (GASPAR, 2004)

Regressou à Inglaterra em 1815, onde resolveu escrever um livro sobre o Brasil. Publicou-o em Londres, sob o título *Travels in Brazil*, em 1816 e mais tarde nos Estados Unidos o livro teve ainda versões em alemão e francês. A primeira edição brasileira do livro, com tradução de Luís da Câmara Cascudo, foi publicada em 1942, com o título “Viagens ao Nordeste do Brasil”.

Não se sabe ao certo se realmente teria vindo ao Piauí, o que pode ser atestado por sua própria afirmação ao referir-se a Simplício Dias: segundo a afirmação do próprio Koster “Não fossem as circunstâncias em que se encontrava, teria eu ido à sua residência em Parnaíba” (1942: 237), no entanto há várias passagens em seu texto que demonstra um conhecimento que poderíamos nomear de cronista “expectador” distanciado, alguém que conhece muito sobre o lugar sem, contudo ter viajado até ele. O seu conhecimento sobre a cidade de Parnaíba e sobre os Feitozas da fronteira do Piauí com o Ceará, é emblemático.

Em todo caso, se houve viagens ao Piauí, existem duas notórias indicações da passagem de Koster pela capitania. Primeiro, teria adentrado o Piauí pela fronteira centro sul da capitania do Ceará. É possível pensar que naquela época a fronteira do Ceará se confundia com a da então capitania do Piauí.

Numa segunda viagem, dessa vez de Pernambuco ao Maranhão, possivelmente passou pela cidade de Parnaíba onde fez uma das mais incríveis descrições sobre um dos maiores potentados daquela época de transição do Brasil colônia para império, era Simplício Dias da Silva, rico comerciante que havia montado um vasto império no litoral do Piauí.

As duas viagens deixaram notórias impressões sobre o poder político e econômico de potentados na capitania do Piauí quando da sua viagem pelo sertão.

Referiu-se à família Feitoza que então eram senhores das largas terras do sertão do Inhamuns fronteira entre as Capitanias do Piauí e Ceará poder que se estendia por causa da indefinição da fronteira de ambas as capitanias.

A sua passagem pelo Piauí então seria uma incógnita e, mais ainda se aconteceu, as razões seriam outra incógnita, sobretudo quando se dirigiu de Pernambuco ao Maranhão. Segundo o historiador piauiense Diderot Mavignier, (2009) a sua vinda ao Piauí teria alguma relação com o movimento de 1817.

Koster viajou até a cidade de Parnaíba, que muito embora não ficasse claro quais era suas intenções o mesmo havia encontrado o grande negociante piauiense Simplício Dias da Silva, conhecido pelo o seu envolvimento com alguns dos mais importantes atores políticos que iriam tomar parte no futuro processo de independência, e que já haviam tomado parte no movimento liberal de Pernambuco em 1817.

Como grande negociante e dono de navios, Simplício Dias mantinha contato com os grandes personagens que fizeram a Independência do Brasil. Na Revolução Pernambucana de 1817, foi executado o seu amigo Domingos José Martins, benemérito, em 1815, do “Correio” da Parnaíba, uma franquia do Correio do Ceará. (MAVIGNER, 2009)

A presença de Koster no Piauí configuraria numa ação de articulação política uma vez que ambos, Henry Koster e Simplício Dias faziam parte do movimento maçônico, pois ainda de acordo com Mavignier “Muitos liberais e irmãos maçons foram hóspedes de Simplício Dias, como o inglês Henry Koster,” e curiosamente do francês Louis François de Tollenare. Henry Koster, “era agente da maçonaria internacional, entre os anos de 1805 e 1815, sendo um dos coordenadores da Revolução Pernambucana.” (2009).

Koster teria inicialmente conhecido Simplício Dias em São Luis do Maranhão, juntamente com outro membro da elite maranhense que não se sabe se era um dos articuladores do movimento de 1817. “Em 1811, em São Luís, onde Simplício Dias tinha grande empório, aconteceu encontro entre o negociante parnaibano, José Gonçalves da Silva, comerciante maranhense, e Henry Koster.” (2009).

De acordo com Pedro Calmon, em História da Civilização Brasileira, “Ele [Koster] devia entender-se com Hipólito da Costa e obter o apoio da nação inglesa”. (2002:174) para o movimento pernambucano.

De qualquer forma o encontro de Koster e Simplício havia deixado profundas impressões segundo o mesmo:

Fui apresentado a muitos dos mais prestigiosos negociantes e plantadores, particularmente aos coronéis José Gonçalves da Silva e Simplicio Dias da Silva; este é o subgovernador de Parnaíba, pequeno porto situado três graus a leste de São Luiz. São homens de grande riqueza e de espírito independente. (1942: 237).

Em certa ocasião, um episódio teria chamado a atenção de Koster por envolver os dois ícones de poder regional em uma situação, no mínimo pitoresca em meio a relações de poder local.

O primeiro é pessoa idosa e realizou imensa fortuna no comércio, ultimamente acrescida pelo plantio do algodão. Possui de mil a 1.500 escravos. Numa ocasião, o mulato que guiava seu carro, mandado parar pelo amo porque o governador ia passar, recusou obedecer. No dia seguinte um oficial procurou o velho cavalheiro em sua casa com ordens de prender o escravo. O coronel mandou-o chamar e disse: "Vá, mas eu terei cuidado com você." E ao oficial, juntou: "Diga a Sua Excelência que eu ainda tenho muitos cocheiros." Para surpresa de quantos estavam na prisão, dois homens apareceram pela tarde com uma bandeja, coberta com toalha ricamente bordada e cheia dos pratos mais saborosos, doces e vinhos, nada sendo esquecido. Era tudo para o cocheiro, e se repetiu três vezes por dia até que o homem recebeu ordem de liberdade. (1942, p. 237).

A descrição de Koster sobre a opulência de Simplicio é atestada pela suas palavras: "Tem ele casa magnífica, banda de música composta por seus escravos, alguns dos quais educados em Lisboa e Rio de Janeiro. Só é possível esperar melhoramentos de homens como esses". (1942: 237-238)

Mas as impressões de Koster sobre o Piauí transcenderam a possível explicação política de sua viagem uma vez que o seu universo Europeu de alguma forma regularia suas impressões sobre a capitania do Piauí. O seu olhar sobre a composição étnica, por exemplo, torna-se uma referência de destaque para a nossa análise, pois segundo Tanya Brandão Henry Koster em visita ao Piauí, deixou registradas suas impressões sobre o mestiço e sua tez, segundo ele este constituía o tipo étnico dominante da região: "[...] a cor dos sertanejos varia do branco, os quais em pouco número, necessariamente ao moreno escuro, com tantas gradações que será impossível encontrar-se dois indivíduos com a mesma variedade de coloração [...]". (KOSTER, Apud BRANDÃO, 2012: 70).

Seu julgamento sobre a capitania do Ceará é de sobremaneira carregado de impressões negativas quando comparada a do Piauí "A capitania do Piauí, que fica nesta direção, é julgada fértil e não sujeita às secas". (KOSTER, 1942:176)

Sobre os potentados do sertão na fronteira do Ceará com o Piauí mereceu destaque em seus escritos como a família Feitoza que segundo Koster (p. 176).

A família dos Feitoza ainda existe no interior desta capitania e na do Piauí, possuindo vastas propriedades, cobertas de imensos rebanhos de gado. No tempo de João Carlos, o chefe dessa família chegara a tal poder que supunha estar inteiramente fora do alcance de qualquer castigo, recusando obediência às leis, tanto civis como criminais, fossem quais fossem. Vingavam pessoalmente as ofensas. Os indivíduos condenados eram assassinados publicamente nas aldeias do interior. O pobre homem que recusasse obediência às suas ordens estava destinado ao sacrifício, e os ricos que não pertencessem ao seu partido eram obrigados a tolerar em silêncio os fatos que desaprovavam.

A concepção de civilização que povoava a perspectiva de Koster o conduzia a proceder a um julgamento a respeito do clã, segundo ele:

Os Feitosa são descendentes de europeus, mas muitos dos ramos têm sangue mestiço e possivelmente raros são os que não teriam a coloração dos primitivos habitantes do Brasil. O chefe da família era coronel de milícias, e podia, ao primeiro chamado, pôr em armas cem homens, o que equivale a dez ou vinte vezes esse número numa região perfeitamente povoada. Os desertores eram bem-recebidos por ele e os assassinos que haviam cometido o crime vingando injúrias. O ladrão era repellido e mais ainda aqueles que, para entregar-se ao saque, tinham tirado a vida de outrem. (KOSTER, 1942:177)

O discurso de Koster, sobre a família Feitoza de que não se sujeitavam as leis do Estado português, decorria do fato que julgava não haverem se civilizado e que, portanto viviam em estado de “barbárie” que mesmo já tendo sido colonizado a séculos mantinha hábitos violentos, e portanto não haviam tido o seu processo civilizador.

Para além dessas análises, Koster procurou observar vários outros elementos sobre o meio físico do Piauí, por exemplo, suas observações atentaram inclusive sobre a qualidade dos cavalos da região.

Os cavalos que podem ser adquiridos em São Luiz são pequenos e poucos têm boas formas. A relva é escassa e o incentivo à equitação é raro, porque o número de animais, na ilha, é reduzido, e é uma das causas essenciais para a não existência de bons cavalos. Se fossem vendidos a bom preço, sem dúvida viriam do Piauí ao Maranhão, tendo as dificuldades mínimas que experimentaria quem os trouxesse do interior de Pernambuco ao Recife. (KOSTER, 1942:240)

Sobre as potencialidades agrícolas do Piauí Koster com muita propriedade fez observações que pronunciaram um discurso que seria propagado no futuro pelos

presidentes da Província do Piauí, principalmente as que se referem à ideia de colonização.

Às margens do rio Itapicuru, das quais falei anteriormente, embora sejam muito mais cultivadas em comparação ao que eram, há um espaço incalculável para novos colonos. A capitania do Piauí e o interior do estado do Maranhão abundam em gado e essas regiões não são sujeitas às secas. A vila de Aldeias Altas, que é situada no último, e a cidade de Oeiras, que pertence ao primeiro, e para o centro dessas terras dizem ser lugares florescentes. (KOSTER, 1942, p. 246)

Sobre a criação de gado no Piauí Koster foi o primeiro dos viajantes a destacar a importância dos rebanhos de gado para a então capitania, mostrando uma característica que passaria a fazer parte da análise de muitos historiadores sobre a natureza da vida no sertão do Piauí, o absenteísmo,

Grande número de bois é, anualmente, enviado dessas regiões sertanejas para a Bahia e Pernambuco. Os proprietários dessas fazendas situadas em distritos tão longínquos são às vezes turbulentos, e um destacamento de soldados, enviado para prender um desses homens, voltou sem efetuar seu objetivo. (KOSTER, 1942: 246)

Ao nosso entender, Koster enquanto viajante cronista ao registrar suas observações elaborou um contexto narrativo que foi composto por meio de uma linguagem própria e pela concepção de cultura e de mundo essencialmente europeu, muito embora tenha respeitado os costumes dos moradores locais ao ponto de admirá-los.

Um comerciante francês e suas notas dominicais.

Louis-François de Tollenare, foi um rico negociante de Nantes, nasceu em 1780. Viajou para Portugal em 1816, e logo em seguida veio a Pernambuco, onde ficou até julho de 1817. Sua viagem tinha caráter comercial, pois havia vindo ao Brasil para negociar algodão.

Em Recife conheceu Henry Koster. Quando de sua chegada estava acontecendo o movimento “revolucionário” pernambucano de 1817, graças a sua habilidade como negociante conseguiu retirar um navio do porto antes do bloqueio decretado pelos revoltosos, porém não teve a mesma sorte na Bahia que acabou sendo aprisionado. Foi até Salvador em fins de 1817 para tentar recuperar a carga.

Como viajante fez anotações semanais sobre tudo o que via e sobre os acontecimentos que vivenciou. Seus escritos foram reunidos posteriormente por Alfredo de Carvalho no livro *Notas Dominicais* publicado em 1905. Louis François de Tollenare morreu em 1853.

Louis François de Tollenare deixou tantas impressões que segundo Alfredo de Carvalho

[...] afora as muitas inevitáveis inexactidões dum viajante de passagem, que não era propriamente um erudito nem um artista, antes um viajante de commercio, possuindo conhecimentos deficientes sobre o passado e mesmo o presente do paiz que percorria e observava. (1905: 07)

Também deixou suas impressões sobre o Piauí, muito embora não se saiba em que circunstâncias e razão teria se dirigido ao Piauí e tal como Koster pode ser tomado como um cronista “expectador” distante, no entanto é possível supor que tentasse entrar em contato com Simplício Dias, o rico comerciante da cidade de Parnaíba, que no contexto de Koster havia sido descrito por ele.

Louis François de Tollenare, como comerciante de algodão viveu em Pernambuco e na Bahia entre os anos de 1816 a 1818, aproveitou a sua estadia para percorrer o Brasil.

Para Alfredo de Carvalho: “O que, porém, ha de mais suggestivo nas *Notas Dominicais* julgo serem os golpes de vista, que de espaço a espaço ellas nos offerecem de relance sobre o estado d'alma da sociedade luzo brasileira de então, [...]” (1905: 08)

Escreveu seu célebre trabalho sob o titulo de *Notas Dominicais* tomadas durante uma viagem a Portugal e ao Brasil. Esteve no Piauí em 1818 concentrou sua viagem particularmente no litoral uma vez que não viu interesse maior em adentrar os vastos sertões do Piauí, mas suas impressões são muito profundas, sobretudo por confrontar as observações que haviam sido feitas sobre Simplício Dias da Silva.

Em seu livro o inicio do décimo capítulo faz suas considerações sobre o Piauí e Simplício Dias intitulado “Noticias sobre o Maranhão e o Piauhy. Parnahyba. Simplicio Dias da Silva e a sua immensa fortuna.” (TOLLENARE, 1905: 256).

As primeiras impressões da Tollenare sobre o Piauí se traduzem na concisa observação que faz da Vila de Parnaíba, segundo ele,

A cerca de 15 ou 18 léguas a Leste de S. Luiz sobre o continente, ha a pequena cidade de Parnahyba, perto da qual se cultiva o melhor algodão do paiz, muito superiora todas as qualidades do Maranhão.

Parnahyba recebe os productos da interessante capitania do Piahy, de que Oeiras é a capital. (TOLLENARE, 1905: 162)

A respeito do rio chega a compará-lo como Itapecurú no Maranhão ressaltando a perenidade do rio Parnaíba, “O nome do rio que fecunda esta capitania é também Parnahyba, e o seu curso é muito mais considerável do que o do Itapicurú, que rega o Maranhão.” (1905: 162)

Sobre Simplício Dias faz suas colocações,

E' perto de Parnahyba que se acha a magnifica propriedade do sr. Simplício Dias da Silva, um dos mais opulentos particulares do Brasil. Calcula-se em 1800 o numero dos seus escravos; organiza com elles um regimento e ás vezes causou inquietações ao governo que tentou perseguil-o. Parece que estas inquietações são infundadas. (1905: 163)

Sobre a noção de civilidade de Simplício Dias,

O sr. Simplício viajou na França e na Inglaterra, e ali aprendeu a conhecer o respeito devido á civilização; occupa-se das bellas-artes, vive com um luxo asiático, mantém músicos com grande dispêndio, acolhe os estrangeiros, gosta dos Francezes, vive nos seus dominios como um homem poderosamente rico; mas, não conspira. (1905: 163)

Sobre a perspectiva política de Simplício Dias,

Influiria sem duvida muito em favor do partido ao qual se ligasse, se o seu partido recorresse á revolução; mas, os projectos de independência que se lhe emprestam não podem ter entrado no espirito de um homem educado; só poderiam ter abrolhado no cérebro de um semi-barbaro, que nunca houvesse deixado as suas florestas. (1905: 163)

Sobre a noção de Humanidade de Simplício,

Tem-se-lhe censurado favorecer o direito de fazer justiça nos seus vastos dominios; este peccado me parece muito perdoável em um paiz onde a ad ministracção da justiça publica é quasi uma irrizão, assim que se sahe das cidades, e da parte de um homem que só a exerce sobre os seus escravos e subordinados. Semelhante cousa seria, sem duvida, incompatível com as nossas instituições européas; mas, outros lugares, outros costumes. (1905: 163)

Para Tollenare é justificável a postura de Simplício Dias no que se refere a exercer a sua postura defiel dignitário do Estado português, uma espécie de estado paralelo a outro, no momento em que o estado português não abrange suas funções de justiça, militar, política e econômica de forma efetiva.

Novamente sobre a perspectiva de civilidade de Simplício

Esta immensa fortuna do sr.Simplicio é o fructo da industria de seu pae, que, obrigado a homisiar-se por não sei que delicto, se retirou para perto de Parnahyba, derrubou o matto, criou algum gado, comprou alguns escravos, e elevou-se gradualmente ao ponto de opulência de que goza o seu filho, nascido de uma mulata, com quem não havia casado. (1905: 163)

Sobre as caracterizações a respeito de Simplício Dias

Descrevem aqui o sr.Simplicio sob pontos de vista muito variados; apresento-o conforme o que me disseram estrangeiros, que foram seus hospedes por algum tempo. E' possivel que o sr.Simplicio seja mais Brasileiro do que Portuguez ; mas, isto não é um crime, e a corte, emancipando o reino do Brasil, sanccionou, me parece, estas afeições. (1905: 164)

Segundo a passagem acima, das possíveis observações construídas acerca de Simplício Dias, leva-nos a crer que algumas foram construídas por contatos e olhares de terceiros forjando uma personalidade ímpar e curiosa do mesmo, relacionando o sujeito com a própria história do Piauí, senão dizer um perfil de poderio político, econômico, uma correlação com a construção do Piauí.

Conclusão

Sendo assim é de fundamental importância para concluirmos que o olhar do viajante, de alguma forma seria descomprometido com o rigor científico e observamos isso nas narrativas de Koster e Tollenare.

Observamos ainda que os relatos de ambos os viajantes puderam de alguma forma também ser críticos em relação à sociedade, a política e a economia do Piauí no início do século XIX. A ideia de região que pôde ser construída como um lugar de progresso, a partir da leitura das obras, tomou espaço central nas discussões do próprio Estado português isso é bem claro nas observações de Koster, Tollenare que acreditavam ser a região do Piauí bastante promissora.

A partir dessas análises também podemos apontar que, de alguma forma os textos dos viajantes determinaram uma visão dos tipos étnicos na província do Piauí, no caso o índio, o negro e o branco, principalmente na visão de Koster ao surpreender-se pelo fato de descendentes de portugueses terem uma pele mestiça diferente de seus colonizadores resultado da mistura étnica dos locais.

Por fim, é possível expormos que a literatura dos viajantes estrangeiros Koster e Tollenare teria uma visão excessivamente eurocêntrica e teria construído uma ideia de região econômica, cultural e social atrasada, porém promissora.

Por fim observamos que a visão dos viajantes relatados em seus livros demonstra que as diferenças e incompreensões resultaram em um choque cultural, por não conceberem ou compreenderem as atitudes e manifestações típicas dos senhores, em uma região constituída a base da violência. Como observamos no caso de Henry Koster que identificou a violência duramente combatida pelo Estado português (europeu) contra a família dos Feitoza em 1808, que tentava dominá-los justificadamente por meio da lei e da submissão, garantindo por consequência a sua pacificação. Provavelmente o que Koster não sabia é que tais famílias constituíam-se como representantes de uma lei, esta outorgada paradoxalmente pelo próprio Estado português.

Referências

BRANDÃO, Tanya Maria P. *A elite colonial piauiense: família e poder*. Recife: Ed. UFPE; 2012.

BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna. Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. 2. ed. v.1, 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GASPAR, Lúcia. Henry Koster. Pesquisa Escolar On-Line, *Fundação Joaquim Nabuco*, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>, acessado em 06/09/2012

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

MAVIGNER, Diderot. 180 anos de memória viva: Simplício Dias da Silva. In: *Proparnaíba Revista Eletrônica*. Disponível em: <<http://www.proparnaiba.com/cultura/180-anos-de-memoria-viva-simplicio-dias-da-silva.html-1>>, acessado em 10/08/2012

TOLLENARE, L. F. *Notas Dominicaes Tomadas durante uma residência em Portugal e no Brasil nos annos de 1816, 1817 e 1818*. Recife: Empresa do Jornal do Recife,

1905. Disponível em: <<http://philolibrorum.blogspot.com.br/2012/06/notas-dominicaes-tomadas-durante-uma.html>,> acessado em 05/09/2012

ZUBARAN, Maria Angélica. O eurocentrismo do Testemunho: relatos de viagem no Rio Grande do Sul do século XIX. In: *Anos 90*, Porto Alegre, n. 12, dezembro de 1999.

